

O ENTRELAÇAMENTO DA MARÉ NO CURRÍCULO: DINÂMICAS ECONÔMICAS E CULTURAIS DAS COMUNIDADES DE PESCADORES DE SALINAS DA MARGARIDA, BAHIA - PARTE I

DOI:

THE INTERWEAVING OF THE TIDE IN THE CURRICULUM: ECONOMIC AND CULTURAL DYNAMICS OF THE FISHING COMMUNITIES OF SALINAS DA MARGARIDA, BAHIA - PART I

Ademilson da Cruz Barreto¹

Marcus de Almeida Gomes²

RESUMO

Neste artigo, apresentamos o desdobramento da pesquisa de mestrado intitulada Educação Financeira no Ensino Médio sob o olhar de um professor pescador de Salinas da Margarida Bahia contendo as características das comunidades de pescadores locais, com seus atrativos naturais, sua cultura, economia e modo de vida, além de discorrer sobre os dados coletados, procedimentos de análises e estratégias pedagógicas utilizadas nas aulas da disciplina eletiva *I- Rede de Educação Financeira: Pescando Sonho*, e refletir sobre currículo na perspectiva de aproximar a escola da comunidade. O objetivo deste trabalho é apresentar estratégias pedagógicas para o ensino de Educação Financeira no Ensino Médio a partir das dinâmicas econômicas das comunidades de pescadores do município de Salinas da Margarida, Bahia.

Palavras-chave: Comunidade de pescadores; Educação Financeira; Currículo.

ABSTRACT

In this article, we present the development of the master's research entitled Financial Education in Higher Education under the gaze of a fisherman professor from Salinas da Margarida Bahia containing the characteristics of local fishermen's communities, with their natural attractions, their culture, economy and way of life, as well as discussing the data collected, analysis procedures and pedagogical strategies used in the classes of the elective discipline *I- Financial Education Network: Fishing Dream*, and reflect on curriculum in the perspective of bringing the school closer to the community. The aim of this work is to present pedagogical strategies for the teaching of Financial Education in Higher Education from the economic dynamics of the fishermen's communities of the municipality of Salinas da Margarida, Bahia.

Keywords: Community of fishermen; Financial education; Curriculum.

INTRODUÇÃO

1 Secretaria de Educação da Bahia (SEC/BA) – ademilsonbarreto1@gmail.com

2 Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - magomes@uneb.br



Para compreender o currículo, é preciso entender a qual público ele vai atender, pois só assim poderemos elaborar um instrumento que seja capaz de expressar os valores e a proposta da instituição, sendo a “porta de entrada” da escola no sentido de traduzir os conteúdos formais e os conhecimentos oriundos da prática cotidiana. Para tanto, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (DCNs), de 2013, concebem a juventude com condição sócio-histórico-cultural, devendo ser respeitada na sua multiculturalidade e singularidade, orientando para a necessidade de:

Entender o jovem do Ensino Médio dessa forma significa superar uma noção homogeneizante e naturalizada desse estudante, passando a percebê-lo como sujeito com valores, comportamentos, visões de mundo, interesses e necessidades singulares destacando sua ansiedade em relação ao futuro, sua necessidade de se fazer ouvir e sua valorização da sociabilidade. Além das vivências próprias da juventude, o jovem está inserido em processos que questionam e promovem sua preparação para assumir o papel de adulto, tanto no plano profissional quanto no social e no familiar (MEC, 2013).

Entretanto, a criação de um currículo que possa propiciar aos educandos uma reflexão crítica acerca da realidade que os rodeia deve ser construído por pessoas preparadas, tendo em vista que a escola assume o papel de educar não apenas para o mundo do trabalho, mas para a vida.

De acordo com Skovsmose (2001, p. 30), na elaboração do currículo escolar, observa-se que muitas escolas priorizam conteúdos que visam beneficiar interesses econômicos e políticos das classes dominantes. O autor acrescenta que, na construção do currículo, são consideradas duas proposições; a primeira diz que “os conteúdos do currículo são determinados não primariamente por causas reais que tenham a ver com a estrutura lógica do currículo, mas com forças econômicas e políticas ligadas à relação de poder na sociedade”. Nesse sentido, percebemos uma distância entre os conteúdos propostos e a realidade em que estão inseridos os educandos.

O currículo fortalece essa questão porque ainda é concebido na dinâmica do patriarcado, e é preciso romper com esse sistema homogêneo que leva em consideração somente as classes dominantes na construção do currículo. O currículo precisa incluir culturas diferentes, com reflexões significativas acerca dos aspectos culturais e das experiências de povos e grupos marginalizados. Nesse sentido, percebemos a possibilidade de inserção dos estudantes que exercem atividades remuneradas - em especial, os pescadores - na construção de um currículo que leve em conta as especificidades, o multiculturalismo e a diversidade, desenvolvendo a autonomia, a participação, o respeito, a comunicação, a partilha e o cuidado, para que seja possível, através dessas ações, mudar a situação, muitas vezes, de submissão.

Para Sacristán (2000):

Currículo é um projeto seletivo de cultura, cultural, social, política e administrativamente condicionado, que preenche a atividade escolar e que se torna realidade dentro das condições da escola tal como se acha configurada. (SACRISTÁN, 2000, p.36)

A despeito disso, Skovsmose (2001, p. 38) afirma que “ambos, os estudantes e professor, devem estabelecer uma distância crítica do conteúdo da educação: os princípios aparentemente objetivos e neutros para a estruturação do currículo devem ser investigados e avaliados.” Nessa perspectiva, compreendemos que a estruturação do currículo escolar deve conter aspectos científicos, sociais e culturais a fim de desenvolver as diversas potencialidades para uma aprendizagem sólida e eficaz.



Complementando, Veiga-Neto (2002) expõe o que está por trás do currículo, informando que:

De certa forma, então, um currículo guarda estreita correspondência com a cultura na qual ele se organizou, de modo que ao analisarmos um determinado currículo, poderemos inferir não só os conteúdos que, explícita ou implicitamente, são vistos como importantes naquela cultura, como, também, de que maneira aquela cultura prioriza alguns conteúdos em detrimento de outros, isso é, podemos inferir quais foram os critérios de escolha que guiaram os professores, administradores, curriculistas etc. que montaram aquele currículo. Esse é o motivo pelo qual o currículo se situa no cruzamento entre a escola e a cultura. (VEIGA-NETO, 2002, p. 4)

Nesse sentido, observamos a constituição do currículo e entendemos que a discussão sobre como deve ser construído e o que deve ser incorporado trata de uma ação necessária e urgente que deve oportunizar todos os envolvidos a participarem ativamente para que se torne um instrumento de inclusão, acolhimento e libertação.

Do mesmo modo, Paulo Freire (1979, p. 16) afirma que, “quanto mais conscientes nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos”. Portanto, quando, de fato, a escola assumir o papel de desenvolver, nos educandos, a autonomia e criticidade, criará meios dos alunos se libertarem dos conceitos opressores que os permeiam e tornarem protagonistas na construção do seu próprio conhecimento.

Para pensar o currículo escolar e a educação financeira, então, é necessário apresentar como as comunidades de pescadores são organizadas em Salinas da Margarida/Ba. Segundo o IBGE, em 2021, a estimativa da população salinense era de 16.047 habitantes. Em 2020, o mesmo instituto informou que apenas 6,7% da população de Salinas da Margarida está em empregos formais, isso equivale a 1.062 pessoas recebendo uma média de 1,7 salários mínimos.

Esse é um dado preocupante, pois mais de 90% das famílias salinenses vivem na informalidade por exercerem a atividade de pesca que, mesmo tendo a carteira de pescador (a) artesanal, não é considerada emprego formal. Quando se trata de moradores que recebem até meio salário mínimo por pessoa, esse percentual é de 53,1%. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) oferecido pelo IBGE não é atualizado desde o ano de 2010; neste último, Salinas da Margarida aparece com 0,617.

Os pescadores estão organizados em associações e colônias, instituições que representam os interesses, acompanham e atestam a veracidade no momento de cadastro do pescador no Registro Geral da Atividade Pesqueira (RGP).

O RGP foi criado, em 1967, através do Decreto-Lei Nº 221. Dentre outras providências, tratava da proteção e estímulo à atividade pesqueira. Em 2009, foi confirmado e atualizado o Registro Geral da Atividade Pesqueira pela Lei Nº 11.959, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, especificando os tipos de pescas existentes; em especial, no seu artigo 8º, classifica a pesca como comercial e não comercial, considerando as seguintes características:

I – comercial:

a) artesanal: quando praticada diretamente por pescador profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria, desembarcado, podendo utilizar embarcações de pequeno porte;

b) industrial: quando praticada por pessoa física ou jurídica e envolver pescadores profissionais, empregados ou em regime de parceria por cotas-partes, utilizando embarcações de pequeno, médio



ou grande porte, com finalidade comercial;

II – não comercial:

- a) científica: quando praticada por pessoa física ou jurídica, com a finalidade de pesquisa científica;
- b) amadora: quando praticada por brasileiro ou estrangeiro, com equipamentos ou petrechos previstos em legislação específica, tendo por finalidade o lazer ou o desporto;
- c) de subsistência: quando praticada com fins de consumo doméstico ou escambo sem fins de lucro e utilizando petrechos previstos em legislação específica. (BRASIL, 2009)

No município de Salinas da Margarida, predomina a pesca comercial artesanal, não tendo registros de atividade de pesca industrial em seu território. Na região, também é notada a pesca não comercial de forma amadora e para a subsistência.

Sulzart et al (2021) nos apresenta, portanto, um resumo de como a vida nesta cidade está completamente entrelaçada ao mar e à natureza.

A vida em Salinas da Margarida está ligada diretamente ao mar, ainda que muitas pessoas não o reconheçam como vetor importante para a sustentabilidade, economia e desenvolvimento local. O mar centraliza as atividades de lazer, as atividades sociais e as cerimônias espirituais de diferentes religiões. (SULZART ET AL, 2021, p.32)

Após apresentar as comunidades de pescadores artesanais de Salinas da Margarida, discutimos o currículo escolar na perspectiva de relacionar os saberes e experiências vivenciados na prática com os ensinamentos aprendidos na escola. Utilizamos, nas reflexões sobre currículo, a perspectiva de Skovsmose (2001); Sacristán (2000); Veiga-Neto (2002); e Freire (1979).

Pensando nesse currículo voltado aos jovens e adultos do Ensino Médio pertencentes a comunidades de pescadores de Salinas da Margarida/Ba, o professor Skovsmose (2001) defende e reafirma que o currículo escolar deve contemplar conteúdos que possam fazer relações entre realidade e escola, dando sentido e significado a sua formação.

Logo, o objetivo deste trabalho é apresentar estratégias pedagógicas para o ensino de Educação Financeira no Ensino Médio a partir das dinâmicas econômicas das comunidades de pescadores do município de Salinas da Margarida, Bahia.

ANDANÇAS E PESCARIAS: O DESENVOLVER DA PESQUISA PARTE I

Esta pesquisa é de cunho qualitativo, metodologia participante e utilizou, como instrumento de coleta de dados, um questionário semiestruturado para construção do perfil socioeconômico e de sondagem sobre os conhecimentos acerca de algumas temáticas da EF e os registros dos estudantes e do professor nos diários da maré. Como “o foco essencial desses estudos reside no desejo de conhecer a comunidade, seus traços



característicos, suas gentes, seus problemas [...]” (TRIVINOS, 2012, p. 111). Os diários da maré permitiram conhecer mais a fundo as impressões, os sentimentos e as realidades das comunidades de pescadores sob o olhar e narração dos próprios estudantes e do professor, que relataram as experiências vividas nestes ambiente a partir das reflexões propostas em sala de aula.

Os diários são os cadernos utilizados pelos alunos durante as aulas de EF e do professor, no percurso da pesquisa. (ZABALZA, 2014) Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), com o Parecer Consubstanciado do CEP, nº 5.181.225, sob o CAAE: 53613421.5.0000.0057, que aprovou a realização da pesquisa em 21 de dezembro de 2021.

A pesquisa foi desenvolvida no Colégio Estadual Juracy Magalhães, na cidade de Salinas da Margarida/Ba, durante as aulas da disciplina eletiva I- **Rede de Educação Financeira: Pescando Sonhos**, em três turmas do primeiro ano do NEM. Os alunos selecionados são pescadores/marisqueiras, filhos de pescadores/marisqueiras ou que desenvolvem alguma atividade relacionada à pesca artesanal. A coleta dos dados ocorreu durante o primeiro semestre do ano letivo de 2022, avaliando a implantação e a adesão da componente curricular eletiva nas diversas atividades propostas.

Na primeira semana de aula, em fevereiro, foi oportunizado aos alunos conhecer as disciplinas eletivas ofertadas pela escola, para posterior escolha. O colégio ofertou seis eletivas, sendo que cada aluno pôde escolher apenas duas delas para completar a carga horária necessária. No processo de escolha, observou-se que os estudantes demonstraram grande interesse pela disciplina de Educação Financeira, pois foi a disciplina mais procurada e a primeira a encerrar a matrícula. Foram disponibilizadas 120 vagas distribuídas nos três turnos da escola.

Para apresentar as estratégias pedagógicas para o ensino de Educação Financeira no Ensino Médio a partir das dinâmicas econômicas das comunidades de pescadores do município de Salinas da Margarida, descrevemos os seguintes tópicos:

1. Estratégia Pedagógica I: Perfil socioeconômico e atividade de sondagem da turma.
2. Estratégia Pedagógica II - Primeiros conceitos de Educação Financeira.
3. Estratégia Pedagógica III - Resgate, valorização e dinâmicas econômicas das comunidades pesqueiras de Salinas da Margarida, Bahia.
4. Estratégia Pedagógica IV - Organização, planejamento e reserva financeira.
5. Estratégia Pedagógica V - Criação do protótipo do aplicativo: E-Pescados.
6. Para apresentação de resultados deste texto, evidenciamos as estratégias pedagógicas I, II.

ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA I: PERFIL SOCIOECONÔMICO E ATIVIDADE DE SONDAÇÃO DA TURMA

Para compreender o perfil socioeconômico da turma, foi aplicado um questionário impresso, no início do ano letivo de 2022, aos alunos do 1º ano do Ensino Médio das três turmas que escolheram a disciplina eletiva de Educação Financeira, sendo uma turma por turno, do Colégio estadual Juracy Magalhães, no município de Salinas da Margarida/Ba. No total, tivemos noventa e sete alunos que responderam ao questionário. A série escolhida se justifica por ter, em sua matriz, espaço para propor a componente curricular eletiva de Educação



Financeira. A seguir, apresentamos os dados mais relevantes obtidos através dos questionários.

A maioria dos estudantes pesquisados residiam em Salinas da Margarida, cerca de 81,6% e apenas 18,4% moravam no município de Jaguaripe. Dos alunos respondentes, 51% eram do sexo feminino e 49% do sexo masculino.

Segundo a LDB (1996), a idade regular dos alunos, no EM, varia de 15 a 17 anos. Para o aluno do primeiro ano, espera-se que tenha idade igual a 15 anos, para que possa concluir o EM na idade regular. Porém, nos dados obtidos, encontramos alunos com idades que variam entre 15 e 23 anos, pois a pesquisa também foi respondida pelos alunos do turno noturno, que, geralmente, apresentam alguma defasagem relacionada à idade/série.

Os alunos com 15 anos foram maioria, totalizando um percentual de 34%; seguidos dos de 16 anos, com um total de 25%. Os de 17 anos foram 16%; com 18 anos 20%; com 19 anos 3% e, por último, com 20 e 23 anos, 1% cada. Com os dados apresentados, percebemos que apenas um terço da turma se encontra na idade regular para a primeira série do ensino médio e isso se dá pela distorção idade/série apresentada, especialmente pelos alunos nos turnos vespertinos e noturnos. Para tanto, faz-se necessário propor alternativas para mitigar esses índices, possibilitar o acesso e, principalmente, a permanência dos estudantes nesses espaços.

Com relação à cor da pele, 50% dos alunos declararam ser da cor parda e 41% disseram ser pretos. Seguindo os critérios do IBGE, percebemos que, em sua grande maioria, totalizando mais de 90% dos participantes da pesquisa são considerados negros, levando em consideração os autodeclarados pretos e pardos.

Quando perguntado sobre a quantidade de pessoas que residem na mesma casa, notamos que a maioria dos estudantes fazem parte de famílias numerosas, compostas por 4 pessoas ou mais, totalizando 70,4% dos lares. Já sobre o somatório das rendas de todos que moram na mesma casa, observamos que 20% das famílias declararam renda de até meio salário mínimo; de meio salário até um salário, foi de 30%; a partir de um salário mínimo, até dois salários foi um percentual de 33% das famílias; de três a quatro salários foram 10%, acima de cinco salários foram 5% e 2% que não souberam responder. Neste quesito, percebemos que 50% dos estudantes relataram que vivem com uma renda total de até um salário mínimo. Se agruparmos as famílias que vivem com até dois salários mínimos, esse percentual chega a mais de 80% dos lares.

Perguntamos se os alunos exerciam a atividade de pescador ou marisqueira e obtivemos um resultado de 59,8% que disseram que não e 40,2% disseram que sim. Isso ocorre porque muitos alunos estudam no turno matutino e ficam impossibilitados de exercerem a atividade pesqueira; porém, no contraturno, auxiliam, de alguma forma, os familiares que sobrevivem da pesca.

Isso fica evidente quando perguntamos sobre ter, na família, pessoas que são pescadores e/ou marisqueiras. Percebemos que 91,2% declararam que têm, na família, uma pessoa que pesca, podendo ser a mãe, pai, irmão, avós ou tios. Apenas 9,8% disseram não ter parente pescador. Esse dado reforça o que está visível na comunidade salinense, que é uma cidade predominantemente de pessoas que sobrevivem das atividades pesqueiras, direta ou indiretamente.

Quando perguntamos sobre qual o tipo de pescaria que exercem, a que apareceu com maior destaque foi mariscagem, seguida da pescaria de peixe e siri e, por último, a pescaria de camarão.

As comunidades de Salinas da Margarida são próximas e com características semelhantes, porém, muitas também distintas. A forma de ser e as artes de pescas que predominam em cada comunidade variam muito. Nas comunidades de Cairu e Barra do Paraguaçu, destacam-se a pescaria de camarão pistola; já a comunidade de Conceição é conhecida pela pesca de peixes variados, mas é referência na pescaria de xangó e maçambê; o Centro da cidade e no Porto da Telha são procurados pela grande extração do marisco conhecido



por chumbinho e por peixes de abalo e pesqueiro; já a comunidade de Encarnação também extrai uma grande quantidade de chumbinho, seguido de peixes grandes, em especial arraia.

Para os alunos que disseram que não eram pescadores, foi perguntado se eles exerciam alguma atividade remunerada e 29,6% disseram que sim, enquanto 70,4% disseram que não. Do total que disseram que sim, especificaram o serviço que desenvolve; entre eles, temos: cuidar de idosos, constru o civil, supermercado da família, vendas diversas, confeitaria, babá, fazendo faxina e fazendo azeite.

Na segunda parte do questionário, foi realizado um levantamento de como os alunos se relacionam com os recursos; em especial, com os recursos financeiros. Nessa pergunta sobre a rela o com o dinheiro, utilizamos, como base para as respostas, a seguinte ideia: os que responderam que a rela o com o dinheiro   péssima são aqueles alunos que estão com d vidas ou com o nome negativado; já os que responderam razoável são os alunos que não têm d vidas, mas também não têm reservas financeiras; e os alunos que responderam que a rela o com o dinheiro   boa são aqueles que não têm d vidas e têm reservas financeiras.

Por fim, os estudantes que relataram ter uma ótima rela o com o dinheiro indicam que não têm d vidas, têm reservas financeiras e também fazem algum tipo de investimento ou empreendimento. Percebemos, nas respostas, que mais da metade da turma, 51,6%, responderam que têm uma rela o razoável com o dinheiro, 28,8% dos alunos responderam que têm uma boa/ótima rela o com o dinheiro e 19,6% relataram terem uma péssima rela o com o dinheiro.

A segunda pergunta do levantamento teve o objetivo de saber se os alunos fazem algum tipo de planejamento financeiro e como eles organizam as finanças. Os dados coletados mostraram que apenas 15,5% dos educandos relataram que fazem sempre o planejamento financeiro. Mais da metade da turma, 56,7%, responderam que às vezes fazem o planejamento. Já para 27,8% mencionaram que não fazem o planejamento financeiro.

A pergunta número 3 apresenta as ferramentas utilizadas para o planejamento e a administra o financeira. Neste quesito, uma grande parte da turma, 39,2%, mencionaram que não utilizam ferramentas de planejamento financeiro, 35,1% disseram utilizar cadernos para esse controle e, para 14,4% dos alunos, o bloco de notas   o instrumento utilizado para o planejamento financeiro. Por fim, apenas 1% da turma utiliza as planilhas do excel.

Para a questão 4, que fala sobre a aquisi o de d vidas e se em algum momento essas d vidas não foram quitadas, uma parcela significativa de 76,3% da turma relatou nunca ter ficado inadimplente, 12,4% disseram terem ficado uma vez e os que mencionaram ter ficado com duas e três d vidas sem conseguir pagar são 4,1% e 7,2%, respectivamente. Observamos, com esses dados, que 23,7% dos alunos da turma já adquiriram d vidas sem ter como pagar.   um percentual alto considerando que a maioria dos alunos são jovens iniciantes no mundo do trabalho.

A última pergunta buscou conhecer os hábitos dos alunos no tocante a guardar recursos pensando no futuro. Dos educandos respondentes, 43,3% informaram que conseguem guardar dinheiro pensando no futuro, 42,3% relataram que guardam dinheiro às vezes e, por fim, 14,4% disseram não ter o costume de guardar dinheiro.

  importante enfatizar que traçar o perfil socioecon mico da turma faz parte da estratégia pedagógica, tendo em vista que os conhecimentos da temática abordada na pesquisa têm liga o com o cotidiano dos estudantes. Com base nas informa es, foi possível ajustar o planejamento e pensar novas possibilidades de aprendizagens, estimulando a abordagem com temas que envolvem a Educa o Financeira (mundo do trabalho; modelos econ micos; economia solidária, sustentabilidade, empreendedorismo social e sustentável, entre outros), possibilitando alcançar os objetivos propostos com a componente curricular.



Na primeira semana, foi discutido o planejamento para as aulas de Educação Financeira, além de terem sido realizadas as atividades de sondagem que possibilitaram fazer um panorama dos conhecimentos que os estudantes possuíam acerca dos conteúdos propostos para a eletiva. Na oportunidade, foi perguntado aos alunos “o que os motivou a escolher a disciplina de Educação Financeira?” As respostas para esta pergunta foram divididas em três partes: os que escolheram a disciplina pelas dificuldades enfrentadas no relacionamento com o dinheiro; outros pelo desejo de aprimorar os conhecimentos sobre EF e otimizar os seus recursos, aprendendo novas formas de administrá-los e, por fim, os estudantes que informaram o que gostariam de aprender nas aulas desse novo componente curricular eletivo.

Para manter o sigilo e a confidencialidade dos sujeitos da pesquisa, foi adotado nomes de peixes, crustáceos ou moluscos presentes na região de Salinas da Margarida. A coleta dos dados teve como base as interações dos estudantes durante as aulas da disciplina eletiva de Educação Financeira, a participação nas atividades e, de forma substancial, os diários da maré do professor pesquisador, assim como os registros dos alunos.

Abaixo, seguem as respostas.

O que me motivou a escolher a disciplina Educação Financeira é buscar uma melhor qualidade de vida, tanto hoje quanto no futuro, pois é importante por conta da segurança que ela proporciona. No meu caso, sou muito difícil em controlar o dinheiro, gasto muito e não me contento em ficar sem gastar. Quero muito aprender sobre Educação Financeira, pois tenho muitos sonhos e um deles é viajar pelo mundo, mas para isso é bom aprender um pouco mais sobre a disciplina... (TARIÓBA, 2022)

O que me motivou foi o interesse em aprender a manusear meu dinheiro. A minha relação com o dinheiro não é tão boa, gasto muito rápido e até com muitas coisas que são desnecessárias. (ARATU, 2022)

Eu escolhi Educação Financeira porque eu quero ter uma relação saudável com o dinheiro... Minha relação com o dinheiro é ruim, o pouco que ganho vai para jogos online. (CAMARÃO, 2022)

O que me fez escolher a disciplina de Educação Financeira foi o meu interesse de empreender, investir, por que minha relação com o dinheiro é horrível, porque eu não tenho uma base de como utilizar, apenas gasto com o que vem na frente, meus pais me motivaram a escolher essa disciplina, porque vai me ajudar muito lá na frente. (XANGÓ, 2022)

O que me motivou a escolher essa disciplina foi que eu posso aprender a juntar minhas economias, aprender a ganhar mais dinheiro e ela pode ajudar no futuro na minha casa, família ou amigos... Eu sou uma pessoa que gasto o dinheiro todo e tem dias que eu gasto até o que eu não tenho. (BAGRE, 2022)

Minha relação com o dinheiro é pegar e gastar. (CORVINA, 2022)

Minha relação com o dinheiro é que eu quero gastar mais do que eu tenho. (CARAPEBA, 2022)

E a minha relação com o dinheiro é que eu quando ganho algum dinheiro me dá vontade de comprar tudo. (PAMPO, 2022)

Minha relação com o dinheiro não é muito boa, porque o pouco que eu pego eu gosto de gastar no mesmo dia e não penso no amanhã, por isso que eu escolhi essa matéria, porque eu tenho que aprender a gastar pouco e guardar mais. (LAGOSTA, 2022)

Minha relação com o dinheiro é que não consigo guardar, tento juntar, mas não consigo porque tudo que eu vejo na rua quero comprar. (MERO, 2022)



Minha relação com o dinheiro é horrível, porque eu não tenho uma base de como utilizar, apenas gasto com o que vem na frente. (XANGÓ, 2022)

A Educação Financeira, como política pública, deve ser uma ação contínua, dinâmica e sistemática do poder público para assegurar mudanças na realidade da população brasileira, formando indivíduos financeiramente preparados para lidarem com diversas situações encontradas; em especial, na administração de seus recursos. (CUNHA, 2020)

Nesse sentido, notamos, nas respostas dos alunos, as principais dificuldades enfrentadas no relacionamento com os recursos. A maioria deles falaram que escolheram a disciplina de EF por não terem boa relação com o dinheiro, gastando de forma exagerada e sem pensar no futuro: “[...] o pouco que eu pego eu gosto de gastar no mesmo dia e não penso no amanhã [...]” (LAGOSTA, 2022); “Minha relação com o dinheiro é pegar e gastar.” (CORVINA, 2022); “[...] apenas gasto com o que vem na frente.” (XANGÓ, 2022).

A ideia do imediatismo e do agir por impulso estão muito presentes na vida desses estudantes. Bauman (2008), em seus escritos sobre liquidez, discorre sobre a sociedade atual marcada pelo consumismo e também alerta para os perigos dessa sociedade de consumidores que, em meio a tantos apelos, muitas das vezes ocultos, fazem dos homens, consumidores vorazes, se transformarem em apenas mercadorias. Neste contexto, Bauman (2008, p. 74), expõe que:

O pobre é forçado a uma situação na qual tem de gastar o pouco dinheiro ou os poucos recursos de que dispõe com objetivos de consumo sem sentido, e não com suas necessidades básicas, para evitar a tal humilhação social e evitar a perspectiva de ser provocado e ridicularizado.

É o que vimos nas respostas dos alunos quando relatado sobre os desafios de poupar em virtude do gasto desenfreado e, muitas vezes, com coisas desnecessárias: “[...] é que não consigo guardar, tento juntar, mas não consigo porque tudo que eu vejo na rua quero comprar.” (MERO, 2022), “minha relação com o dinheiro não é tão boa, gasto muito rápido e até com muitas coisas que são desnecessárias” (ARATU, 2022) e “Minha relação com o dinheiro é ruim, o pouco que ganho vai para jogos online.” (CAMARÃO, 2022).

Muitas das vezes, por terem pouco ou nenhum conhecimento sobre a gestão dos recursos e na tentativa de se enturmar em determinados grupos sociais, os adolescentes e jovens acabam ostentando um padrão de vida diferente do seu, resultando em gastos excessivos que comprometem as suas finanças e, conseqüentemente, as da família: “eu sou uma pessoa que gasto o dinheiro todo e tem dias que eu gasto até o que eu não tenho.” (BAGRE, 2022) e “no meu caso, sou muito difícil em controlar o dinheiro, gasto muito e não me contento em ficar sem gastar.” (TARIÓBA, 2022).

Muitos jovens têm acesso a linhas ou cartões de crédito ainda no ensino médio, antes mesmo de ter o primeiro emprego e, às vezes, sem o conhecimento necessário para lidar com esses meios de pagamento, resultando em um grande índice de jovens endividados e inadimplentes (IPEC, 2022). A EF trabalhada na escola pode auxiliar adolescentes e jovens a utilizarem, de forma saudável, os seus recursos possibilitando “uma melhor qualidade de vida, tanto hoje quanto no futuro.” (TARIÓBA, 2022). Nesta direção, Melo et al (2021) afirmam que:

Os estudantes devem investigar, discutir e analisar criticamente como o nosso consumo individual faz parte de uma teia bem maior na sociedade capitalista e que estamos, mesmo que indiretamente, contribuindo para os impactos ambientais ao consumir determinados produtos ou ao considerar



apenas o valor financeiro atrelado a ele, por exemplo. (MELO ET AL, 2021, p. 5-6)

É necessário e urgente, tendo em vista o contexto apresentado, que a escola inclua, em seus currículos, temáticas de EF que estejam relacionadas ao cuidado do planeta, refletindo sobre os impactos do consumismo na natureza e o consumo consciente, a começar pelas contas básicas de casa, como água, energia e gás, formas variadas de reciclagem, além do planejamento financeiro, que pode ser uma grande ferramenta para evitar desperdícios. Tais práticas irão estimular a investigação, o diálogo e a participação ativa dos alunos nos diversos contextos que envolvem a proteção do bem comum através de ações sustentáveis. (KISTEMANN JR; GIORDANO; DAMASCENO, 2022)

Krenak (2019) entende que não existe homem sem a natureza, pois ele enxerga e sente a natureza em todas as coisas: “eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo que eu consigo pensar é natureza” (KRENAK, 2019, p. 17). Mais do que nunca, é preciso propagar ações e projetos em prol da conservação e sustentabilidade do planeta. A este respeito, Gonçalves e Cescon (2013) afirmam que “a responsabilidade pelo descarte de produtos e a destinação final de resíduos pressupõem mudanças urgentes nos hábitos de consumo, criando, a partir da escolha de produtos e serviços ecologicamente corretos, uma nova consciência ecológica voltada à sustentabilidade.” (GONÇALVES E CESCO, 2013, p. 159)

Estas ações, com o intuito de cuidar e proteger a natureza, podem contribuir para a formação de uma sociedade ecologicamente consciente, com atitudes que impactem positivamente na natureza. Por isso, devemos repensar quais as marcas que estamos deixando no planeta, a fim de assumir a responsabilidade de deixar um ambiente melhor para as futuras gerações. (KRENAK, 2020)

Com relação aos alunos que escolheram a disciplina de EF porque reconhecem fazer uma boa gestão dos recursos e gostariam de ampliar os conhecimentos sobre essa temática, temos:

Quando falamos de Educação Financeira não falamos só de dinheiro, mas sim de aprender a viver a vida com os diversos recursos. Outra coisa porque muitos acham que dinheiro é mais que a vida, mas se enganam até demais. (SURURU, 2022)

O que me motivou a escolher a disciplina de Educação Financeira foi a importância de uma matéria que me ajudasse a cuidar da minha saúde financeira, que me ajudasse nas minhas necessidades financeiras. A minha relação com o dinheiro é boa, não ganho muito por isso tento investir para melhorar meus ganhos. (XARÉU, 2022)

O que me motivou a escolher a disciplina de Educação Financeira foi ser uma disciplina que pode me ensinar a melhor forma de administrar o meu dinheiro. A minha relação com o dinheiro é boa, consigo guardar o dinheiro que ganho, lido com o dinheiro como a minha mãe, gasto quando preciso e guardo quando sobra. (BAIACU, 2022)

A disciplina de Educação Financeira, o que me chamou a atenção e me fez escolhê-la foi justamente para aprender não só a economizar e saber investir melhor nas coisas que consumo ao decorrer da minha vida. Onde a relação que tenho com meu dinheiro é regulada, onde consigo manter um controle até um certo ponto, mas acabo gastando em coisas que realmente uso. (MAÇAMBÊ, 2022)

Eu escolhi a eletiva de Educação Financeira para saber como funciona a administração do nosso próprio dinheiro, como controlar mais os meus gastos e saber gastar só com o necessário, é preciso para termos também o autocontrole. O meu relacionamento com o dinheiro é muito bom, tenho algumas influências familiares em relação à administração. (PITITINGA, 2022)

Eu escolhi a disciplina de Educação Financeira para que eu possa gastar o meu dinheiro com mais



consciência e possa evitar dívidas. Eu tenho uma boa relação com o dinheiro por causa dos meus pais que sempre dizem que não é para gastar dinheiro com coisas que não importam ou não possam administrar.... (CAÇONETE, 2022)

A Educação Financeira que defendemos não se resume a falar de dinheiro, mas vai além de fórmulas e equações utilizadas nas aulas de matemática financeira, pois contempla temáticas variadas, de forma transversal e interdisciplinar, a exemplo: sonhos, planejamento, metas, objetivos, comportamentos, tomada de decisão, qualidade de vida entre outros. Além de reflexões sobre “questões como democracia, justiça social, trabalho escravo, exploração de recursos naturais não renováveis e degradação ambiental são temas transversais e relevantes na concepção de uma educação financeira escolar que contribua de fato para a cidadania” (MUNIZ, 2015, p. 3). Nesta direção, o aluno Sururu (2022) descreve bem a EF, afirmando que, “quando falamos de Educação Financeira não falamos só de dinheiro, mas sim de aprender a viver a vida com os diversos recursos”.

A EF é um processo que visa colaborar para a mudança de atitudes e comportamentos; consequentemente, na melhoria da qualidade de vida das pessoas a partir das reflexões e práticas que envolvem o contexto da sociedade brasileira e os conhecimentos financeiros (CAMPOS; TEIXEIRA; COUTINHO, 2015). Nesta perspectiva, Vieira e Pessoa (2020, p. 668) reafirmam que no, que tange à EF, não deve existir conteúdos estáticos e consolidados, pois é necessário que haja um diálogo constante entre as áreas do conhecimento, no intuito de discutir as problemáticas da sociedade atual, para a formação de indivíduos autônomos e críticos, cientes de seus direitos e cumpridores dos seus deveres.

Observamos, nas respostas dos estudantes, que alguns relataram que a boa administração dos recursos têm influência direta dos pais. Daí a importância de trabalhar as temáticas voltadas à EF envolvendo as famílias para que, no compartilhamento dos conhecimentos e experiências, todos os envolvidos possam aprender, de forma colaborativa, novos meios de gerenciamento dos recursos. Assim, os alunos disseram que escolheram a eletiva por ser “uma matéria que me ajudasse a cuidar da minha saúde financeira, que me ajudasse nas minhas necessidades financeiras.” (XARÉU, 2022) e “[...] para que eu possa gastar o meu dinheiro com mais consciência e possa evitar dívidas.” (CAÇONETE, 2022) e que “[...] é preciso para termos também o autocontrole” (PITITINGA, 2022).

O “autocontrole nos gastos”, para Perin e Campos (2022, p. 10), é uma das principais atitudes comportamentais, acompanhada da “responsabilidade diante dos compromissos”; para tanto, é preciso que estas atitudes sejam valorizadas e exercitadas nas aulas de EF. A EF que defendemos possibilita introduzir os alunos no universo financeiro, mas não com o viés mercadológico, nem bancário propagados pelas instituições financeiras, estimulando simplesmente a “poupar para consumir posteriormente” (VIEIRA; PESSOA, 2020, p. 668). Pelo contrário, consideramos que é “[...] urgente que a educação financeira seja abordada a partir de temáticas que façam sentido para o jovem e que contribuam no desenvolvimento do pensamento crítico e autônomo” (SILVA; SILVA; SELVA, 2021, p. 20), trabalhando o protagonismo e a reflexão crítica com temas que contribuam para a construção do projeto de vida dos educandos.

Na sequência, os estudantes relataram que gostariam de aprender na disciplina de Educação Financeira diversos assuntos, em especial os voltados para o universo financeiro. Seguem algumas das sugestões dos estudantes:

Gostaria de aprender nessa matéria como poupar mais o meu dinheiro, eliminar mais as dívidas e saber administrar o dinheiro que eu ganho, como fazer o meu dinheiro render e saber gastar só o necessário. (PITITINGA, 2022)

Eu escolhi a disciplina de Educação Financeira para aprender a organizar, administrar, investir e



economizar meu dinheiro. (SOROROCA, 2022)

Eu gostaria de aprender a lidar com as emoções e não comprar coisas desnecessárias. (CARANGUEJO, 2022)

O que eu gostaria de aprender é planejamento financeiro, finanças pessoais, qualidade de vida, aprender investir de forma simples e segura. (SACARAUNA, 2022)

Meu maior sonho é investir e ter um bom lucro, eu gostaria de aprender como investir. (XANGÓ, 2022)

Acredito que essa disciplina fala um pouco sobre economizar e investir meus recursos. (TARIÓBA, 2022)

Gostaria de aprender a lidar melhor com meu dinheiro para conseguir conquistar meus sonhos. (TAINHA, 2022)

O meu interesse em Educação Financeira é aprender a administrar meu dinheiro e investir em algo que realmente seja importante para controlar minha vida financeira. (PESCADA, 2022)

Gostaria de aprender mais sobre investimentos, deixar minha vida financeira organizada, aprender mais sobre o uso do dinheiro para grandes investimentos. (ARATU, 2022)

Nessa disciplina, eu gostaria de aprender a gastar o meu dinheiro da forma certa e ter consciência das minhas decisões para que eu não me arrependa no futuro. (CAÇONETE, 2022)

Gostaria de aprender a controlar meu dinheiro para ter uma renda melhor. (CARAPEBA, 2022)

Gostaria de aprender a multiplicar o meu dinheiro. (LULA, 2022)

Os alunos sinalizaram muitos temas práticos da EF; em especial, eles externaram o desejo de aprender a “como poupar”, “gastar com consciência”, “lidar melhor com o dinheiro”, “planejar minha vida financeira”, “organizar as finanças”, entre outros. Estes conhecimentos são basilares para começar a trabalhar sobre o universo financeiro e, neste aspecto, Kistemann Jr e Giordano e Damasceno (2022, p. 270) expõem que a EF é uma grande ferramenta para ajudar os estudantes na planejamento financeiro, a “começar pelo orçamento doméstico, bem como tomar decisões éticas e sustentáveis de forma crítica e autônomas”.

Nesta direção, os autores acrescentam que o planejamento e a organização financeira devem estar alinhados aos projetos de vida dos alunos, destacando a necessidade de refletir, com criticidade, temas voltados à sustentabilidade do planeta, a evitar compras por impulso, refletir sobre formas de pagamento à vista ou parcelado, juros, os impactos da pandemia na economia global, os custos para sustentar variadas composições de família, entre outros (KISTEMANN JR; GIORDANO; DAMASCENO, 2022).

Em Salinas da Margarida, observamos que as questões dessa temática versavam sobre a rotina do pescador; na captura, precificação, compra e venda de pescados, lucros e prejuízos, além de investimentos em manutenção e aquisição de novos equipamentos de pesca. Os alunos descreveram o que desejavam aprender na disciplina eletiva, a começar por “deixar minha vida financeira organizada” (ARATU, 2022), “Gostaria de aprender a controlar meu dinheiro para ter uma renda melhor” (CARAPEBA, 2022), “Gostaria de aprender a multiplicar o meu dinheiro.” (LULA, 2022).

Organizar a vida financeira, controlar os gastos e investir de forma segura para multiplicar os recursos foram as temáticas mais destacadas pelos estudantes. Trabalhar estas questões que permeiam o cotidiano da comunidade, na administração dos recursos, permite “a integração disciplinar à vida em sociedade numa perspectiva de ampliar para além dos muros da escola a alfabetização financeira do cidadão.” (DAMASCENO; DAMASCENO; NUNES, 2017, p. 49)



A partir das discussões em sala de aula, os alunos se tornam multiplicadores, compartilhando com a comunidade os conhecimentos relacionados às temáticas financeiras. Dessa forma, várias famílias se beneficiam, podendo influenciar na melhoria da qualidade de vida. Muitos estudantes, de certa forma, já tiveram experiências com algum tipo de investimento envolvendo a pesca ou não, com conhecimentos diversos na condução desses investimentos.

Kistemann Jr; Giordano e Damasceno (2022) reforçam que é essencial, para quem quer empreender, fazer um bom planejamento financeiro, ter organização e conhecimento das vantagens e dos riscos, tomando, como princípio, a honestidade, as decisões éticas e sustentáveis, que sejam considerados os objetivos e desejos de todos os envolvidos, respeitando a legislação trabalhista para a concretização do empreendimento idealizado.

Outro ponto de vista apresentado pelos estudantes tem a ver com as emoções, quando citam: “eu gostaria de aprender a lidar com as emoções e não comprar coisas desnecessárias.” (CARANGUEJO, 2022). Uma temática muito relevante na EF é trabalhar a razão e a emoção diante de situações que envolvem a tomada de decisão. Por um lado, “as emoções são indispensáveis para nossa vida racional, pois são as emoções que nos fazem únicos, é o nosso comportamento emocional que nos diferencia uns dos outros.” (TOMAZ; GIULIANO, 1997, p. 407). Por outro lado, boa parte das pessoas são tomadas pela emoção na hora de comprar e acabam comprometendo o orçamento comprando coisas desnecessárias. Deste modo, a EF pode colaborar para:

[...]que desenvolvam uma consciência crítica e reflexiva e saibam tomar decisões frente às mais diversas questões financeiras, que tenham consciência das armadilhas do marketing, que consigam distinguir um desejo de uma necessidade e que tenham consciência de que o consumismo gera consequências não apenas financeiras, mas de impacto no meio ambiente. (VIEIRA; PESSOA, 2020, p. 684)

Daniel Kahneman (2012), autor do livro *Rápido e Devagar: Duas formas de pensar*, aborda essa temática de como a razão e a emoção influenciam as pessoas na tomada de decisão. O autor descreve o funcionamento do cérebro de forma abstrata com os dois sistemas. O Sistema 1 é voltado às emoções e associações, agindo de forma rápida, automática, inconsciente. Já o sistema 2 é responsável pelas nossas decisões conscientes, formadas por cálculos e regras, operando de forma lenta, pensada, ordenada.

Daí a necessidade de buscar equilibrar os dois sistemas, nos diversos momentos da vida, a fim de fazer escolhas conscientes e acertadas, evitando o arrependimento e os desperdícios.

ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA II - PRIMEIROS CONCEITOS DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Na continuidade das atividades, a fim de introduzir conceitos e ideias do que acreditamos ser a Educação Financeira, foi proposta aos alunos uma atividade baseada no livro *O homem mais rico da babilônia*. A atividade consistiu, no primeiro momento, em apresentar o livro, o autor, o contexto histórico em que o livro foi escrito e as temáticas presentes nele.

Após as primeiras considerações do livro, os alunos foram direcionados à leitura. Após uma breve leitura, foi realizada uma roda de conversa sobre as primeiras impressões sobre o livro. Na continuidade, foi solicitado que os alunos formassem grupos de seis a oito pessoas. Em seguida, houve o sorteio de um capítulo do livro por grupo. Cada grupo ficou responsável por abordar a temática a partir das interpretações



dos integrantes do grupo e, no final, os alunos produziram vídeos curtos de no máximo cinco minutos.

Na culminância da atividade, observamos o quanto os alunos se interessaram com a proposta pedagógica, pois tivemos uma variedade de vídeos. Alguns utilizaram animações, imagens e paisagens antigas, outros fizeram uma releitura da história, aplicando os conhecimentos aprendidos no cotidiano, todos com dublagem e edições realizadas pelos próprios estudantes.

Após a atividade do livro *O homem mais rico da babilônia*, percebemos que os alunos aprenderam alguns conceitos da EF, a exemplo: planejamento e administração financeira, orçamento, poupança, investimentos, entre outros. Aprofundamos os conceitos de EF baseados em Muniz (2015), Melo et al (2021); Kistemann Jr. et al (2022), pois entendemos que a EF vai além de operações matemáticas. Ela deve ser trabalhada de forma interdisciplinar e transversal, auxiliando os alunos na tomada de decisões conscientes, na construção do pensamento crítico e reflexivo diante dos vários cenários, especialmente os voltados ao consumo imediato e desnecessário, que compreendam que as ações tomadas no presente podem influenciar no futuro pessoal, mas também no futuro do planeta. Por isso, é importante ressaltar a necessidade de cuidar do bem comum, do universo, dos nossos recursos, entendendo que são recursos finitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educação Financeira (EF), atrelada à realidade das comunidades tradicionais, possibilita uma ampla reflexão e auxilia na formação de adolescentes, jovens e adultos sobre organização, planejamento e gestão dos recursos de forma consciente e equilibrada para a construção do projeto de vida.

Além disso, é importante trabalhar questões relacionadas à valorização e manutenção do ofício de pescador artesanal, propondo um consumo consciente e saudável para a redução das altas taxas de inadimplência e endividamento, no Brasil, ao longo dos últimos anos; em especial, quando relacionado aos jovens que são facilmente seduzidos por propagandas e reportagens na tv e redes sociais, incentivando o consumo exagerado. Dessa forma, a disciplina de EF pode auxiliar os estudantes a fazerem melhores escolhas, planejarem os seus projetos de vida, cuidar do planeta e otimizar o ofício de pescador(a).

Este artigo buscou apresentar as estratégias pedagógicas para o ensino de Educação Financeira no Ensino Médio a partir das dinâmicas econômicas das comunidades de pescadores do município de Salinas da Margarida. As estratégias pedagógicas construídas e aplicadas, nas aulas de EF, se mostraram uma metodologia eficiente. Tendo em vista os progressos realizados pelos estudantes nas temáticas relacionadas a EF, através da disciplina eletiva, foi possível refletir sobre temas relevantes das comunidades de pescadores, bem como sobre questões ligadas ao universo financeiro. Esse cruzamento de ideias, através das atividades propostas, possibilitou um maior engajamento dos alunos no processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BRANDÃO, C. R. (org.). Repensando a Pesquisa Participante. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.



BRASIL. Decreto-Lei Nº 221, de 28 de fevereiro de 1967. Dispõe sobre a proteção e estímulos à pesca e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-221-28-fevereiro-1967-375913-norma-actualizada-pe.html>. Acesso em: 10 de out. de 2021.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 10 set. 2020.

BRASIL. Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009. Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11959.htm. Acesso em: 10 de out. de 2021.

CAMPOS, C. R.; TEIXEIRA, J.; COUTINHO, C. Q. S. Reflexões sobre a educação financeira e suas interfaces com a educação matemática e a educação crítica. *Educação Matemática Pesquisa*, São Paulo, v. 17, n. 3. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/emp/article/view/25671/pdf>. Acesso em: 10 de nov. 2022.

CUNHA, M. P. O mercado financeiro chega à sala de aula: Educação Financeira como Política Pública no Brasil. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 41, e218463, 2020.

CLASON, George Samuel. *O Homem Mais Rico da Babilônia*. Ed. 18ª, Ediouro, Rio de Janeiro, 2005.

CNC - Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo CNC. Pesquisa Nacional de Inadimplência do Consumidor (PEIC). Pesquisa. 2022. Disponível em: <https://www.portaldocomercio.org.br/publicacoes/pesquisa-de-endividamento-e-inadimplencia-do-consumidor-peic-agosto-de-2022/439801>. Acesso em 10 nov. 2022

DAMASCENO, A. V. C.; DAMASCENO, C. B.; NUNES, J. M. V. Razão de ser da educação financeira na Escola Básica. Belém: SBEM-PA, 2017.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

GONÇALVES, Marco; CESCION, Everaldo. Ética e consumo: o consumo como estratégia ético-política. *Conjectura: Filosofia e Educação*, Caxias do Sul, v. 18, n. 3, p. 155-165, set./dez. 2013.

IBGE - INSTITUTO NACIONAL DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. [Portal]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/> Acesso em: 20 nov. 2022.

KAHNEMAN, Daniel. *Rápido e devagar: Duas formas de pensar*. Ed. 1ª, Objetiva, Rio de Janeiro, 2012.

KISTEMANN JR, Marco Aurélio; GIORDANO, Cassio Cristiano; DAMASCENO, Alexandre Vinícius Campos. Cenários para entender o Novo Ensino Médio no contexto da Matemática e da Educação Financeira Escolar. *Revista: Em Teia*, v. 13, n. 3, 2022.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MEC - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica. Brasília, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>. Acesso em: 15 de out. de 2021.

MELO, Danilo Pontual; VIEIRA, Glauciane da Silva; AZEVEDO, Suedy Santos de; PESSOA, Cristiane Azevêdo dos Santos. Diálogos entre a Educação Financeira Escolar e as diferentes áreas do conhecimento na BNCC do Ensino Fundamental. *Revista: Em Teia*, v. 12, n. 2, 2021.

MUNIZ, I. Situações Financeiras e Ambientes de Aprendizagem: Perspectivas para o Ensino Médio. *Boletim do LABEM*, ano 6, n. 10, jan/jun de 2015.

PERIN, André Pavan. CAMPOS, Celso Ribeiro. Uma investigação sobre concepções acerca da educação financeira de alunos do ensino médio. *Revista: Em Teia*, v. 13, n. 3, 2022.



SACRISTÁN, J. Gimeno. O Currículo: uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, Ingrid Teixeira; SILVA, Maria Manuela Fiquerêdo; SELVA, Ana Coêlho Vieira. Temáticas de Educação Financeira abordadas nos livros do Ensino Médio Regular e da Educação de Jovens e Adultos. Revista: Em Teia, v. 12, n. 2, 2021.

SKOVSMOSE, Ole. Educação matemática crítica: a questão da democracia. Campinas, SP: Papirus, 2001.

SULZART, Silvano; SANTOS, Diana Bomfim; SANTOS, Francisco Barbosa dos; SOUZA, Luciene de Jesus Santos. Salinas da Margarida: vozes ancestrais, tradicionalidade e saberes do mar. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 06, Ed. 05, Vol. 07. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/saberes-do-mar>. Acesso em: 10 de set. 2022.

TOMAZ, C.; GIULIANO, L. G. A razão das emoções: um ensaio sobre “O erro de Descartes”. Estudos de Psicologia, 2(2), 1997.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. 1. ed. 21. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2012.

VEIGA-NETO, A. Cultura e Currículo: um passo adiante. In GARCIA, Regina L. Currículo: Pensar, sentir, diferir. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

VIEIRA, Glauciane. PESSOA, Cristiane. Educação Financeira pelo mundo: como se organizam as estratégias nacionais? EMP – Educação Matemática Pesquisa. São Paulo, v. 22, n. 2, p. 658-688, 2020.

ZABALZA, Miguel Angel. Didática de aula – Um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.